

O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO DA LINGUÍSTICA APLICADA BRASILEIRA

Hilda Rodrigues da Costa
Universidade Federal de Goiás

RESUMO: O objetivo desse artigo é traçar o percurso historiográfico da Linguística Aplicada brasileira, demonstrando a partir dos discursos historiográficos os caminhos que possibilitaram a emergência da área, Linguística Aplicada, que doravante chamaremos de LA, sua interação com outros campos do saber, sua relevância para o desenvolvimento da pesquisa aplicada no âmbito da educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia, Linguística Aplicada, discurso

***ABSTRACT:** The aim of this paper is to trace the route of Applied Linguistics Brazilian historiography, showing the speeches from the historiographical paths that caused the emergency area, Applied linguistics, who now call LA, its interaction with other fields of knowledge, its relevance to the development of applied research in the context of Brazilian education.*

***KEY WORDS:** historiography, applied linguistics, discourse*

A crença de que a história é linear e ordenada tem sido questionada, e especialmente no que diz respeito a sua tendência de manter na obscuridade as visões alternativas de mundo e a de adotar um percurso linear e ascendente de progresso. A noção de um sujeito uno, racional, cartesiano, capaz de conhecer a si mesmo e a outros objetos, também se tornou questionável.¹

1 PENNYCOOK, A. A linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, p. 35, 1998.

Introdução

O conhecimento e os problemas vivenciados pela vida social passaram a assumir um papel de grande importância na construção das relações de poder. Uma vez que, os efeitos desse paradigma nas ciências sociais, em que as práticas discursivas deixaram de ser neutras motivadas por escolhas, intencionais ou não, promoveram mudanças significativas em determinados contextos sociais.

Esses fatores impulsionaram o aparecimento de múltiplas abordagens, de bases diferentes, mas que tornam a linguagem processo e produto da atividade histórica do homem, pois, de acordo com Koerner (1996, p. 57), “as teorias linguísticas não se desenvolvem em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica”, sugerindo, segundo Pennycook (1998), a necessidade de reavaliar determinado conhecimento em detrimento de outros.

Para Kuhn (1996, apud Moschetti, 2004, p. 46), “a emergência de novas teorias é geralmente precedida por um período de insegurança profissional pronunciada”, exigindo do pesquisador uma nova postura diante da busca por novas regras, bem como a produção de novos instrumentos para a pesquisa, na busca por novas soluções para os problemas da vida real que envolva, principalmente a linguagem.

Assim, compreender as práticas linguísticas presentes em nossa sociedade fez com que a pesquisa em Linguística Aplicada assumisse uma nova concepção, pois, “ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” (FABRÍCIO, 2006, p. 48), possibilitando a criação de novos regimes de verdade, formulando uma interpretação mais próxima possível do que acontece nos dias atuais com o homem e a língua.

Desse modo, o caminho trilhado pela LA é marcado pelo movimento, pela ação, pela possibilidade de fazer pesquisa, rompendo fronteiras na busca por novos saberes, produzindo conhecimento no campo dos estudos linguísticos, voltado para as práticas sociais da contemporaneidade.

Isso significa que todo conhecimento advém de algum lugar e que é necessário ir além da tradição científica de apresentar resultados, pois, para Moita Lopes (2006, p. 22), “politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA”. É ver por outro ângulo, é dialogar com outras teorias, buscando compreender “a multiplicidade de paradigmas que constituem o universo científico contem-

porâneo”, promovendo um repensar contínuo de “seu universo de referência” (SIGNORINI, 1998, apud MOITA LOPES, 2006, p. 23).

A perspectiva de pesquisa aplicada aqui apresentada não emergiu como um campo do saber institucionalizado, com identidade própria, como ciência pronta. Muitos foram os obstáculos transpostos desde a década de 1940, período em que novos regimes de verdade começavam a dar os primeiros passos na busca por novos instrumentos, novas metodologias, novas ciências capazes de responder aos anseios dos novos pesquisadores em solucionar os problemas daquela época.

1. LA e seu contexto histórico

Na América das décadas de 1920 a 1950, a partir de bases estruturalistas², os estudos linguísticos cultivaram interesses bastante diversificados quanto à pesquisa, resultando em um trabalho minucioso de descrição das línguas indígenas do continente americano. Nesse mesmo período, várias correntes linguísticas foram constituídas tanto na Europa quanto na América: a Linguística Histórica, a Linguística Estrutural, a Linguística Histórica-Comparatista, a Linguística Descritiva, a Linguística Contrastiva, dentre outras.

Da união de certos pesquisadores da Linguística Descritiva e da Linguística Contrastiva na solução de problemas relativos ao uso da linguagem, emergiu um novo campo de estudo, a Linguística Aplicada (LA). Os discursos que construíram e constroem essa área de investigação tornaram-se complexos e, em determinados momentos, traçaram certos conceitos quanto à forma de produzir conhecimentos, em detrimento de outros.

Ao traçar o perfil sócio-histórico da LA, observa-se que o desenvolvimento de suas concepções está intimamente ligado ao contexto sociopolítico que se apresentava na América do Norte na década de 1940, durante o período da II Guerra Mundial (CAVALCANTI, 1986; CELANI, 1992; DAMIANOVIC, 2005; GOMES DE MATOS, 1976; KLEIMAN, 1992; MOITA LOPES, 2009), sendo esse fato histórico de certa forma responsável pela atribuição de cientificidade ao estudo da linguagem.

O contexto sociopolítico vivenciado na América do Norte durante o período da guerra exigia o conhecimento de outros idiomas por parte dos soldados

2 Mesmo não reconhecendo a influência dos estudos saussurianos sob as bases estruturalistas americanas, podemos identificar tais princípios nos trabalhos de Leornad Bloomfield, tido como referência intelectual, ou melhor, dizendo “pai do estruturalismo americano”.

americanos, pois realizar contato com os aliados e inimigos falantes de outras línguas era imprescindível. O ensino de línguas a partir desse momento passa a ser visto com outros olhos, com outras perspectivas, deixando de ser apenas um método cujo objetivo único era o de ensinar a ler.

Em 1939 é criado o *English Language Institute*, na Universidade de Michigan, tendo como fundador Charles C. Fries. Essa instituição foi considerada pioneira quanto à aplicação de princípios da linguística ao ensino de inglês³, particularmente na elaboração de material didático e em questões relativas à tradução (TUCKER, s/d apud MOITA LOPES, 2009, p. 12). Um ano depois da criação do instituto, em 1940, o termo Linguística Aplicada é criado por Charles C. Fries e Robert Lado, ambos com um profundo conhecimento da estrutura de línguas, em especial as faladas pelos índios norte-americanos. Os trabalhos, as pesquisas destes linguistas “estruturalistas” contribuíram para a constituição da Linguística Aplicada, pois buscavam uma aplicação prática para as teorias da Linguística moderna, com o objetivo de serem vistos como cientistas aplicados e, não como humanistas. Nesse período existia uma preocupação universal com a fundamentação linguística nos programas de ensino de línguas, na formação do professor e na elaboração do material didático, objetivando condições para a solução de problemas em sala de aula.

Segundo TUCKER (s.d. apud PAIVA, 2009, p. 26), em 1946, aconteceu o primeiro “curso independente de LA na Universidade de Michigan, onde lecionavam Charles Fries e Robert Lado”. Em 1948, Charles C. Fries, na Universidade de Michigan, deu início ao periódico *Language Learning: A Quarterly Journal of Applied Linguistics*, com o apoio de Kenneth L. Pike e W. Freeman Twaddell, dentre outros, e com o objetivo de disseminar informações sobre o trabalho do Instituto Fries de Língua Inglesa (fundado em 1941). O cientificismo pregado pelos linguistas “aplicados” buscou estabelecer as bases para que a LA pudesse se instituir como “ciência”, segundo os parâmetros da época, década de 1940, através da aplicação das teorias linguísticas ao ensino de línguas.

Em 1956, Pit Corder fundou na Escócia o Departamento de Linguística Aplicada da Universidade de Edimburgo, cuja tarefa principal era estabelecer, pela primeira vez, nos novos cursos de graduação as bases intelectuais do ensino e aprendizagem de línguas. Nesse mesmo período, J. C. Catford criou a Escola de Linguística Aplicada, na Universidade de Edimburgo, com o intuito de solidificar os estudos em LA na Europa.

3 Em vários momentos a Linguística Aplicada será denominada como ensino de línguas, pelos autores dessa época.

Três anos depois, em 1959, foi criado o Centro de Linguística Aplicada em Washington, Estados Unidos, fomentado pela fundação Ford, sob o comando de Charles Ferguson, com o objetivo de auxiliar na solução de problemas com relação ao ensino de línguas, encontrados em vários países em desenvolvimento. Institutos semelhantes foram criados em várias partes do mundo, visando à coleta e à análise de dados sobre o papel e o uso do inglês e de outras línguas, e resultando na criação de programas e materiais para o ensino de idiomas, bem como o treinamento de professores para a sua utilização.

Na busca por um modo rápido e eficaz de se aprender a falar “a língua do Pacífico”, linguistas como Fries e Lado, dentre outros com conhecimento profundo da estrutura de línguas, em especial as faladas pelos índios norte-americanos, apreenderam para si o desejo de implementar o ensino de língua estrangeira, devido ao contexto sócio-histórico vivenciado durante a 2ª Guerra Mundial, recorrendo a teorias linguísticas e psicológicas, reformulando os paradigmas que regiam o ensino de línguas, na América.

Esses saberes apoiados por um suporte institucional, capazes de reconduzir todo um conjunto de práticas “pedagógicas”, colaboraram para o desenvolvimento da Linguística Aplicada, partindo de uma abordagem descritiva. Esses estudiosos fizeram as primeiras tentativas de aplicação de teorias linguísticas em questões ligadas ao ensino de línguas. Demarcaram, assim, as superfícies primeiras de emergência da LA, ao final da década de 1940, descrevendo as instâncias de delimitação e as grades de especificação do campo aplicado.

O desenvolvimento da LA foi se consolidando aos poucos; apesar dos trabalhos desenvolvidos durante a década de 1940 e 1950, somente em 1964, na cidade francesa de Nancy, é que foi fundada a *Association Internationale de Linguistique Appliquée* (AILA)⁴, representando um marco na história da LA, com o propósito de institucionalizar a Linguística Aplicada como uma ciência autônoma, desencadeando uma discussão sistemática sobre a área.

Dois anos mais tarde, 1966, é criada a *British Association of Applied Linguistics* (BAAL)⁵, tendo como primeiro presidente Pit S. Corder. Somente

4 O primeiro congresso internacional ocorreu em 1964, ano de sua fundação, o segundo, em 1969, em Cambridge. A partir daí, os congressos passaram a obedecer a uma periodicidade de três anos, com publicação de anais.

5 Notas sobre a História da Associação Britânica de Linguística Aplicada, 1967-1997: The first formal proposal for the creation of a “British Applied Linguistics Association” was made in 1965 by Peter Strevens, then recently appointed to a new Chair in Applied linguistics at Essex, and also secretary of the newly-formed Association Internationale de Linguistique Appliquée. (consultar http://www.baal.org.uk/about_history.pdf.)

em 1977 é fundada a *American Association of Applied Linguistics*, após a mesa-redonda “*On the Scope of Applied Linguistics*”, na reunião anual da *Teachers of English to Speakers of Other Languages* (TESOL), em Miami.

O caminho trilhado pela LA em busca de sua emancipação não foi tranquilo. Muitos foram os obstáculos desde a primeira reunião em maio de 1973, na sede da TESOL, além de várias reuniões da Linguistics Society of America (LSA). Em agosto deste mesmo ano, em reunião da LSA em Ann Arbor, foi proposto que a LA se tornasse uma subseção da LSA, a qual fora aprovada em uma reunião subsequente na cidade de San Diego, em dezembro de 1973.

No entanto, foi colocado como condição para pertencer a LSA que a LA como subseção “mantivesse os padrões de qualidade da LSA” (CELANI, 1992, p. 16), essa falta de confiança nos padrões observados na área de LA fez com que a subseção não fosse criada. Porém, paralelamente aos acontecimentos na TESOL, criou-se um grupo designado Linguística Aplicada, dentro dos grupos de interesse especial, denominado SIG, o qual teve como primeiro coordenador Bernard Spolsky, em 1976, na reunião da TESOL em Nova York. Apesar da falta de confiança nos padrões na área de LA pela Teachers of English to Speakers of Other Languages (TESOL), o grupo deu continuidade aos estudos em LA, buscando sua legitimidade.

Hoje, quase cinquenta anos após sua fundação, a *Association Internationale de Linguistique Appliquée* (AILA) é a federação internacional de associações nacionais ou regionais de Linguística Aplicada e conta com a participação de mais de 8.000 filiados em todo mundo, abrangendo mais de 25 comissões científicas. A cada três anos é realizado o congresso internacional da AILA, sendo este o maior evento em Linguística Aplicada, reunindo pesquisadores e profissionais de todas as áreas da LA, envolvendo cerca de 2.000 participantes nos dias de hoje.

Os congressos realizados pela AILA são tidos como exemplo da história da associação. Realizados em localidades diferentes, eles demonstram a expansão geográfica da área, abordando temas importantes quanto ao uso da linguagem e a prática social.

2. A emergência de uma disciplina

O campo de emergência da disciplina Linguística Aplicada⁶ no Brasil está ligado diretamente à “institucionalização da Linguística”, no início da década

6 A Linguística Aplicada emerge no seio da Linguística, não havendo uma separação ou mesmo uma independência disciplinar na década de 1960, no Brasil.

de 1960. Em plena ditadura militar, o trabalho de pesquisa de campo nas universidades brasileiras era considerado perigoso devido à crise política de 1964. Segundo Rodrigues (1988 apud ALTMAN, 2003, p. 77), “pesquisadores nos meios rurais se tornaram fortemente suspeitos de subversão” por questionar os atos políticos que regiam o país naquele determinado momento histórico.

De acordo com Mattoso Câmara (1976 [1968] apud ALTMAN, 2003, p. 101), na década de 1930, a “Linguística era considerada como conhecimento básico para os professores de língua e para os estudantes interessados em crítica literária”, sendo incluída na área de humanidades. Altman (2003, p. 265), lembra que “foi o Estado que banuiu pela primeira vez a Linguística dos currículos de Letras no final dos anos 30, quando desativou a Universidade do Distrito Federal, e foi também o Estado que a impôs novamente, nos chamados Currículos Mínimos, através da resolução de 1962”. Nesse período, a universidade brasileira estava longe de poder propiciar condições necessárias para a realização de pesquisa, devido a sua estrutura centralizadora quanto ao ensino, privilegiando o ensino e não a pesquisa.

A necessidade de preencher os novos espaços institucionais, criados pela resolução de 1962, fez com que jovens professores, formados na disciplina, ocupassem esses espaços em consonância com os filólogos, sem maiores disputas, o que ocasionou certa dificuldade de conscientização de seu papel como linguistas. Segundo Altman (2003, p. 265), a “primeira geração, formada nos primeiros cursos, não se percebia *linguista*”. Até hoje, muitos deles preferem autodenominar-se “professores de línguas, com formação em Linguística” ou, quando muito, “professores de Linguística” (cf., por exemplo, Celani, 1984).

Em meio a este cenário emergia no Brasil a disciplina Linguística⁷, independente em relação à Filologia e à Dialectologia tradicionais no campo acadêmico, revolucionando não apenas o modo de concepção do objeto-linguagem, mas a concepção da profissionalização do linguista, da carreira universitária, acarretando mudanças no poder acadêmico. Nesse período atuavam na área apenas Mattoso Câmara, Aryon Rodrigues e Francisco Gomes de Matos.

Diante desse desafio, em 1963, Aryon Rodrigues implantou na Universidade de Brasília (UNB), o primeiro departamento de Linguística e, consecutivamente, o primeiro programa de pós-graduação, em nível de mestrado,

7 O estruturalismo adentrou o cenário brasileiro via institucionalização da Linguística, nos Currículos Mínimos Federais das Faculdades de Letras (ALTMAN, 2003, p. 77).

voltado para a formação de pesquisadores em Linguística. Assim, um novo corpo profissional foi concebido, mas com inúmeros grupos de especialidades divergentes quanto às teorias linguísticas, métodos e objetos de análise. Entretanto, unidos por um projeto prático: a criação de espaços institucionais, como os programas de pós-graduação. A formação desses linguistas estava representada oficialmente por dois modelos, os das universidades francesas, presente na Universidade de São Paulo, e o modelo norte-americano, instituído na Universidade do Rio de Janeiro.

Mesmo com a implantação de programas de pós-graduação, a falta de profissionais nas universidades ainda era grande, o que resultou na importação de professores-pesquisadores da Europa e da América, com o objetivo de atender as necessidades da área, que estava em plena expansão. Juntamente com a bagagem desses profissionais vieram novas teorias, novas concepções quanto ao estudo da linguagem, como a Linguística Aplicada, que em um primeiro momento de sua história tem a Linguística como sua única fonte teórica, o que posteriormente será negado pelos próprios linguistas aplicados que foram forjados no calor do seio desta disciplina.

Três anos após a Linguística ter sido incluída no currículo do curso de letras, introduzia-se a Linguística Aplicada em nosso país, “graças à iniciativa de uma entidade privada, especializada no ensino de línguas” (GOMES DE MATOS, 1976, p. 49). Isso levou ao desenvolvimento de dois campos simultaneamente, o da Linguística Teórica ou Geral e o da Linguística Aplicada, sendo considerado um fato de grande relevância para a história das ciências humanísticas no Brasil. Segundo Gomes de Matos (1976, p. 49), “convém enfatizar o que tanto no que diz respeito às teorias quanto às Aplicações, o interesse primordial dos especialistas brasileiros que ‘fazem’ Linguística está centrado no HOMEM”. E, como exemplo, bastaria mencionar os estudos da Sociolinguística e da Psicolinguística que já estavam sendo realizados em algumas universidades brasileiras.

Em 1965, no Rio de Janeiro, aconteceu o 1º Seminário Brasileiro de Linguística, uma iniciativa do Instituto de Idiomas Yázigí, com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, dentre outras instituições. Além das

conferências⁸, ocorreram também palestras e mesas-redondas sobre Linguística Aplicada e cursos como os de História das Idéias Linguísticas, de Mattoso Câmara Jr; de Apresentação de Técnicas da Linguística Descritiva, de Sarah Gudchinsky; e de Orientação de Linguística Aplicada, de Francisco Gomes de Matos. Ao final desse ano, mais precisamente em dezembro de 1965, foi promovido em Montevideu o I Instituto Linguístico Latino-americano, sob a orientação *Programa Internacional de Linguística y Enseñanza de Idiomas* (PILEI), da Associação de Linguística e Filologia da America Latina (ALFAL) e da Universidad de La Republica. De acordo, com Gomes de Matos (1976, p. 50), nesse instituto, “houve um (re) encontro de brasileiros interessados em Linguística Aplicada, e a partir desse momento o PILEI passou a exercer uma influência favorável ao desenvolvimento da Linguística Geral e da Aplicada em particular, no Brasil”.

No ano seguinte, em março de 1966 ocorreu a primeira institucionalização da LA no Brasil, através do Centro de Linguística Aplicada Yázigi, em São Paulo, por recomendação do Programa Internacional de Linguística y Enseñanza de Idiomas, PILEI. Segundo ALTMAN (2003, p. 173),

foi o encontro de Mattoso Câmara, Aryon Rodrigues e Gomes de Matos nos Institutos Interamericanos e nos Seminários de Linguística que propiciou, entretanto, a criação pelo Instituto Yázigi, em 1966, de um Centro de Linguística Aplicada, que inaugurou uma segunda publicação periódica, esta sim, de circulação universitária, denominada Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada.

8 Os conferencistas presentes neste seminário foram Valnir Chagas, Aryon Dall’Igna Rodrigues, Evanildo Bechara, Geraldo Cintra, Adazir Almeida Carvalho, Margot Levi Mattoso e Francisco Gomes de Matos. Nesse mesmo ano outros eventos contribuíram para a institucionalização da LA no Brasil como: a elaboração de um levantamento sobre o ensino de línguas estrangeiras no Brasil (de autoria de F. Gomes de Matos, para a obra *Ibero-American and Caribbean Linguistics. Vol. IV of Current Trends in Linguistics*. Sendo publicada apenas em 1968, na Holanda.); a influência do Museu Nacional (UFRJ) com a publicação de *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*, de Mattoso Câmara Jr., com um suplemento de pesquisa por Sarah Godschinsky, cabendo à Linguística americana a “tarefa de abordar questões aplicadas de análise linguística”; a distribuição da *Revista de Metodologia do Ensino de Línguas e Linguística* a professores e instituições de todo o país, pelo departamento de estudos e pesquisa do instituto de Idiomas Yázigi (essa publicação teve início em 1962, sendo pioneira no Brasil); sobre o patrocínio do instituto Nacional do Livro - MEC foi publicado o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi; um dos primeiros livros de inglês para escolas secundárias influenciadas pela Linguística Aplicada de base estruturalista – *Look and Speak English*, de J. F. Mello também fora publicado neste ano, além de outros eventos.

Esse instrumento⁹ de divulgação especializado, sob a direção de Joaquim Mattoso Câmara Jr., Aryon Dall’Igna Rodrigues e Francisco Gomes de Matos¹⁰, incluía o Brasil no circuito interamericano de estudos linguísticos. Gomes de Matos lembra que, até 1966, estudiosos como Augustinus Staub, Clea Rameh, Geraldo Cintra, como o próprio Gomes de Matos, e grande parte dos interessados em adentrar o campo da LA haviam iniciado seus estudos em LA por meio da gramática contrastiva. Nesse mesmo ano, Aryon Rodrigues publica o artigo *Tarefas da Linguística no Brasil*, em *Estudos Linguísticos*: vol. 1 n° 1, destacando as prioridades da Linguística Aplicada no Brasil.

Com a publicação desse artigo, além dos eventos, os anos seguintes favoreceram a multiplicação de oportunidades quanto aos estudos em Linguística Teórica e Aplicada, através dos seminários e institutos linguísticos oferecidos pelo CLA-Yázigi, PILEI e universidades brasileiras com participação de professores de linguística, língua portuguesa e línguas estrangeiras, que viam na Linguística um caminho seguro para a melhoria do ensino de línguas.

Em 1968, aconteceu o 4º Seminário Brasileiro de Linguística, em Recife, em meio ao qual aconteceu a primeira reunião para o estudo da fundação da associação brasileira de linguística, convocada por Mattoso Câmara. Nesse

9 De acordo com Altman (2003, p. 172-173), a revista ESTUDOS do Departamento de Estudos e Pesquisas do Instituto de Idiomas Yázigi (1961-1964, não corrente) foi lançada em 1961, em edição mimeografada com a indicação Ano I, 1961, n° 1. Esse mesmo número foi relançado em edição impressa no ano seguinte, sob a indicação Ano I, 1962, n° 1. Ao todo, foram publicados sete números: Ano I, 1962, (1-4); Ano II, 1963, (1-2); Ano III, 1964(1), voltado principalmente para o ensino de línguas estrangeiras, a principal motivação do Yázigi ao lançar esta revista (apresentada, aliás, como um despretenso boletim) era manter os professores do Instituto informados sobre as mais recentes metodologias de ensino de línguas – especificamente sobre o que então era proposto como o *Yázigi Methol* (Garon, 1961:1-9). O referencial teórico adotado – e recomendado – por esses primeiros boletins do Yázigi era essencialmente o chamado descritivista norte-americano: Sapir, Bloomfield, Gleason, Hall, Fries, Lado, Nida, Pike, Hill, Hockett, Trager (ESTUDOS, 1961: 25-31). Tal tipo de abordagem, entretanto, com orientação pedagógica, só encontrava algum eco entre aqueles ligados a instituições, geralmente particulares, dedicadas ao ensino instrumental de línguas estrangeiras.

10 É importante ressaltar que nesse período já se fazia pesquisa em Linguística Aplicada, porém a mesma se apresentava como parte da integrante da Linguística, como ocorreu também nos Estados Unidos e na Europa. Mattoso Câmara, Aryon Rodrigues e Gomes de Matos foram os principais ativistas para a institucionalização e desenvolvimento da Linguística e da Linguística Aplicada no Brasil, reconhecidos pela dedicação aos estudos da linguagem (ALTMAN, 2003; CELANI, 1992; KLEIMAN, 1992; MOITA LOPES, 2009; SCHERER, 2003).

mesmo ano, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Nacional estabeleceram um curso de pós-graduação em Linguística, tendo como uma das áreas de concentração: Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. A partir desse ano, alguns jovens pesquisadores passaram a exercer as primeiras lideranças intelectuais, os quais viriam a constituir a primeira geração de “linguistas”¹¹ do país: Celani, Castilho, Blikstein, Franchi, Gomes de Matos, Rector, Rodrigues, Pais.

No segundo congresso da ALFAL, em 1969, a participação de brasileiros na apresentação de trabalhos em Linguística Aplicada foi significativa, como no V simpósio do PILEI, dentre outros eventos acadêmicos que proporcionaram a difusão das pesquisas, cursos em Linguística e Linguística Aplicada no Rio de Janeiro, em São Paulo e Minas Gerais. Essas apresentações marcaram oficialmente a existência de uma Linguística Aplicada brasileira.

No dia 9 de janeiro de 1969, é fundada a ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística¹², de caráter nacional, tendo Mattoso Câmara como conselheiro, Aryon Rodrigues como presidente e Gomes de Matos como secretário, a qual foi subsidiada pela fundação Ford e o instituto de Idiomas Yázigi. Atualmente, sua sede tem caráter itinerante, em outras palavras, sua localização é na instituição em que atua seu presidente, por um período de dois anos.

A título de pesquisa, observou-se que o biênio de 1971-1973 não teve um representante, há um espaço vazio na história da instituição. Verificando o histórico da entidade, observa-se que esse dado não está contemplado, nem mesmo na página oficial da ABRALIN. No entanto, Altman (2003, p. 162) faz apenas uma referência a essa ruptura na história da associação: “Tendo interrompido suas atividades logo em 1971, a Associação ressurgiu, como núcleo organizador de eventos, em 1974 [...]”, dando continuidade aos trabalhos da associação.

O programa de estudos pós-graduados em Linguística Aplicada ao ensino de línguas, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1970, marcou a entrada oficial da LA no Brasil. Esse programa foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação e pelo Conselho Nacional de Pesquisas como “Centro de Excelência”, tendo como coordenadora a Dra. Maria Antonieta Alba Celani, uma das figuras mais atuantes no campo da LA.

Esse processo de emancipação da LA em relação à Linguística não se consolidou plenamente, exigindo de seus pesquisadores a formalização de uma associação voltada para a pesquisa em LA. De acordo com Scherer (2003, p. 71),

11 Entre esses linguistas estavam alguns linguista aplicados.

12 Homepage: <http://www.abralin.org>

o registro oficial da Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB) data de 25/01/1991, com foro na cidade de Campinas e sede inicial na sala 17 do Departamento de Linguística Aplicada da Unicamp (TLA 17). Tal associação foi fundada em assembléia geral, em 27/06/1990, no V encontro Nacional da ANPOLL. O objetivo dela é “incentivar a pesquisa e o ensino na área de Linguística Aplicada no Brasil no que se refere especificamente às atividades nas suas subáreas principais, a saber, o ensino/aprendizagem de língua materna, línguas estrangeiras, segundas línguas/educação bilíngue, tradução e situações de contato socioprofissional” (TLA 17, carta dirigida aos leitores).

A primeira diretoria da ALAB foi eleita também em 1991, tendo como primeiro presidente a professora Marilda do Couto Cavalcanti; como vice-presidente a professora Mara Sofia Zanotto Paschoal e a professora Sumiko Nishitani Ikeda, como secretária. Nesse mesmo ano, a AILA reconheceu a ALAB como entidade filiada. Em 1992, a ALAB assume a responsabilidade de continuar promovendo o Congresso Nacional de Linguística Aplicada, a cada três anos. Em sua homepage oficial¹³, a ALAB apresenta como objetivo:

(re)construir um lócus acadêmico-científico dinâmico e reflexivo, fomentado, por sua vez, estudos e reflexões da área de LA, não concebida mais aplicação de teorias linguística, mas como um campo de investigação indisciplinar, transgressiva e híbrida.

Para que esse objetivo seja alcançado a ALAB visa: política de valorização e aumento de incentivos culturais e econômicos aos intercâmbios e pesquisas em LA; a divulgação dos conhecimentos, por meio de publicações científicas; o desenvolvimento de pesquisas nacional e internacional, através do desenvolvimento de trabalhos transdisciplinares e interinstitucionais e a consolidação da LA como área de estudos.

Após onze anos de sua fundação, a ALAB criou, em 2001, a Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), uma publicação sem fins lucrativos, que tinha como missão encorajar a pesquisa na área de Linguística Aplicada, sendo esse periódico considerado um sinal de fortalecimento da área.

13 Site oficial: www.alab.org.br

3. A concepção de Linguística Aplicada no contexto brasileiro

A constituição de uma ciência ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova marca um momento decisivo de sua própria história. Segundo Benveniste (1989, p. 252),

uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados.

Para Benveniste (1989, p. 252), criar um conceito é “a primeira e a última operação de uma ciência”, pois toda disciplina que pretende obter o estatuto de ciência deve “definir suas constantes e suas variáveis, suas operações e seus postulados, e antes de tudo quais são suas unidades”, pois a emergência de uma ciência, bem como a transformação de termos essenciais são acontecimentos importantes de sua evolução que, por sua vez, suscitam novos conceitos quanto à forma de produzir conhecimento.

Para compreender melhor o conceito de LA e sua evolução no Brasil, é preciso buscar na memória as primeiras fotografias, como diria Moita Lopes (2009), dos passos iniciais da LA brasileira como, por exemplo, a primeira definição de LA presente no artigo *Tarefas da Linguística no Brasil*¹⁴, de Aryon Rodrigues, publicado em 1966, pela revista brasileira de Linguística Teórica e Aplicada, v. 1, n. 1.

A finalidade deste artigo é por em evidência vários problemas de natureza linguística que devem ser abordados no Brasil, mais cedo ou mais tarde, individual ou coletivamente, com intenções teóricas ou práticas. Para tanto, é conveniente distinguir primeiramente, entre o que podemos chamar de linguística pura em contraste com linguística aplicada. Estas designações são paralelas às que ocorrem em outras disciplinas, por exemplo, física pura e física aplicada. A linguística pura é propriamente a ciência da linguagem: a investigação destinada a adquirir e ampliar o conhecimento a respeito das línguas e da linguagem, ao passo que podemos chamar de linguística aplicada todo trabalho de aplicação daqueles conhecimentos a resolução de problemas práticos ou de problemas de outras ciências. Quem faz linguística pura faz linguística em si e por si, para descobrir

¹⁴ É interessante observar que os temas propostos por Aryon Rodrigues há quarenta anos, ainda hoje são referências nas pesquisas realizadas pela LA no Brasil e no mundo.

como são as línguas, qual a natureza de cada idioma em particular, quais as características gerais das línguas e do fenômeno linguagem. Quem faz linguística aplicada faz uso desses conhecimentos em atividades práticas como o ensino de línguas, a resolução de problemas de tradução automática ou de alfabetização, a análise de estilos literários e de documentos arcaicos, etc. (RODRIGUES, 1966).

É interessante ressaltar que mesmo antes da chegada formal da LA no Brasil já se fazia Linguística Aplicada, mas atribuindo à Linguística o papel principal quanto às investigações a respeito das línguas e da linguagem. Essas investigações em Linguística, por sua vez, priorizaram os estudos em línguas indígenas, língua portuguesa, línguas de minoria européia e asiática e línguas africanas. Enquanto à LA, dedicava-se a aplicação de Linguística ao ensino de línguas, ao ensino de português como língua materna, ao ensino de português como língua estrangeira, ao estabelecimento e reforma de ortografias, ortografias para línguas indígenas, aplicação à alfabetização, aplicação à tradução, entre outras aplicações.

Esse conceito de aplicação linguística, principalmente quanto ao ensino de línguas, mesmo com a chegada formal da LA em solo brasileiro, fez-se presente durante a década de 1970 com seminários e publicações, os quais enfatizavam esse conceito no contexto acadêmico e que, consecutivamente, mobilizaram a institucionalização da área em terras brasileiras.

Tal concepção discursiva pode ser verificada no artigo *Dez anos de Linguística Aplicada no Brasil*, publicado em 1976, por Gomes de Matos, que ressalta a importância da LA e a concepção de “aplicação de princípios, técnicas e resultados das investigações teóricas sobre as línguas para a solução de problemas educacionais e sócio-culturais” (GOMES DE MATOS, 1976, p. 49), enfatizando a importância de se receber uma orientação adequada em Linguística Aplicada para a solução de problemas educacionais e socioculturais. Seguindo esse princípio, o campo da Linguística Aplicada, em sua primeira fase, passou por algumas definições que influenciaram diretamente a forma de fazer LA como aplicação da Linguística, unidirecionada ao ensino de línguas.

Gomes Matos (1976) com o intuito de dar veracidade científica e, ao mesmo tempo, demonstrar os primeiros passos evolutivos da LA, apresenta em seu artigo um fragmento de Pit Corder (1972), em que “a Linguística Aplicada é a utilização do conhecimento sobre a natureza da linguagem ativada pela pesquisa linguística para o melhoramento da eficiência de certas tarefas práticas nas

quais a linguagem é um componente central” (CORDER, 1972 apud GOMES DE MATOS, 1976, p. 1)¹⁵.

Quase vinte anos depois, com o intuito de resgatar parte da história da LA, Celani (1992) em seu artigo *Afinal, o que é Linguística Aplicada?* também recorre a Pit Corder (1973) em seu livro *Introducing Applied Linguistics*, afirmando que talvez a mais antiga das interpretações da LA encontra-se na tradição britânica, a qual serviu como referencial teórico para o desenvolvimento da LA quanto ao ensino de línguas no Brasil.

Moita Lopes ao traçar o percurso histórico da LA em seu artigo *Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar*, publicado em 2009, quase vinte anos depois do artigo de Celani, reafirma por meio do mesmo livro de Pit Corder, de 1973, *Introducing Applied Linguistics*, “a relevância da Linguística para o ensino de línguas de forma científica” (MOITA LOPES, 2009, p. 13).

Um bom número de linguistas aplicados brasileiros teve sua iniciação na área com a ajuda desse e dos demais livros que compunham *Edinburgh Series*, publicado por Corder et. al., na década de 1970. Nessa fase, a influência da Linguística na LA, era um fato incontestável para a formação do professor de línguas. O costume de se falar de aplicação de linguística ao ensino de inglês fez com que tais afirmações se consolidassem, o que teria ocasionado o registro por historiadores da ciência da linguagem, sobre essa relação estreita entre o ensino de língua, principalmente inglesa, com a Linguística.

Em meio às ocorrências relacionadas ao ensino de línguas, destacou-se uma importante propriedade geral das línguas, o princípio da natureza social da linguagem, o que de certa forma pode ser considerado um dos pressupostos implícitos da Linguística contemporânea, sendo objeto de atenção cada vez maior por parte de sociolinguistas, os quais estavam interessados em examinar a relevância de seus estudos para o ensino de inglês e de outras línguas. De acordo com Gomes de Matos (1976, p. 102), uma “evidência desse fato é o interesse da UNESCO em promover reuniões periódicas de especialistas em Linguística Aplicada e Metodologia do Ensino de Línguas”¹⁶.

15 “Applied Linguistics is the utilization of the knowledge about the nature of language achieved by linguistic research for the improvement of the efficiency of some practical task in which language is a central component.”

16 A mais recente ocorreu em Paris de 15 a 20 de setembro de 1975. Para um resumo das idéias e conclusões principais desse encontro, v. ALSSED Newsletter n. 4 – March 1976, publicada pela Division of Structures and Content of Life-Long Education, UNESCO, Place de Fontenoy, Paris, 75700, France.

Tal interesse representou um sinal de desenvolvimento da área como um ramo do saber que, posteriormente, foi considerada como “aplicações do estudo da linguagem a qualquer área de interesse prático e aplicações das pesquisas em linguística teórica” (RICHARDS et. al., 1985 apud CELANI, 1992, p. 17).

De acordo com Celani (1992), a LA não estaria vinculada apenas a uma área do saber, recorrendo a outros campos como a sociologia, a história, os estudos culturais, a psicologia, a antropologia, a teoria da informação, além da linguística, “a fim de desenvolver seus próprios modelos teóricos de linguagem e de uso da linguagem” (CELANI, 1992, p. 17).

Como fonte, Celani (1992) cita os sumários das últimas reuniões da AILA, nos quais pode ser verificado um aumento do número de tópicos abordados, além do ensino/aprendizagem de línguas, como: ensino/aprendizagem da língua materna, multilinguismo, testes, planejamento linguístico, sociolinguística, psicolinguística, lexicografia, tradução, linguística contrastiva, linguística computacional, estilística, letramento, dentre outros.

A ideia de mediação foi outro princípio adotado, ao final da década de 1970, para definir epistemologicamente “Linguística Aplicada”, a qual é encontrada, segundo Celani (1992), nos trabalhos de Anthony (1980), Russel, Campbell (1980) e em Widdowson (1975). Segundo Palmer (1980 apud CELANI, 1992, p. 18), “a Linguística é uma disciplina que pode englobar várias matérias (*subjects*), podendo ser usada para dar-lhes substância intelectual.” Essas matérias podem ser compreendidas como constituintes de outras disciplinas, que não a Linguística.

O artigo *A propósito de Linguística Aplicada*, de Cavalcanti, publicado em 1986, na revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*, é um exemplo do trabalho que começava a deslanchar no campo aplicado brasileiro quanto à pesquisa em LA, ao tentar desvencilhar-se por completo da Linguística, em busca de autonomia científica, apoiando-se nos trabalhos de Spolsky (1980), Strevens (1980) e Widdowson (1980). Esses autores afirmavam que a LA é mais ampla que a aplicação de teorias linguísticas em problemas de uso da linguagem, recorrendo a outros campos disciplinares para a solução de problemas quanto ao uso da linguagem, cabendo ao linguista aplicado decidir a relevância de tais subsídios advindos da Linguística para o desenvolvimento de seus estudos.

Esse processo de mediação logo passaria a ser compreendido como interdisciplinar, refutando “a Linguística como ciência-mãe da LA” (CAVALCANTI, 1986 apud BERTOLDO, 2003, p. 122), na busca por uma autonomia maior, principalmente no contexto institucional brasileiro, pois essa foi a área que mais recebeu apoio financeiro para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao ensino e aprendizagem no Brasil e no mundo.

A metáfora da LA como ponto de intersecção, de acordo com Celani (1992), apontado por Buckingham (1980), Kaplan (1980), Stevens (1980), Ingran (1980), enfatiza o entendimento de que a LA é uma área interdisciplinar, o que justifica o uso do nome como direito próprio (CELANI, 1992, p. 19), sendo capaz de construir seus próprios princípios científicos.

Essa busca por autonomia e legitimidade institucional, na década de 1990, tornou-se ainda mais forte no contexto brasileiro com a fundação da *Associação de Linguística Aplicada do Brasil*, sendo considerado um indicativo de maturidade dos profissionais da área. Como exemplo de sua independência, Celani (1992) cita as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em LA e os temas defendidos nas dissertações e teses, além da diversidade de linhas de pesquisa em outras áreas que não o ensino de línguas. Fato que pode ser constatado ao ler os objetivos da área na homepage da ALAB, bem como o artigo *Sessenta anos de Linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos*, de Paiva (2009), o qual apresenta a produção da pesquisa em LA no Brasil, a teoria suporte, o método de pesquisa e a comparação entre a pesquisa internacional e a nacional.

Apesar de ser uma área jovem, a LA brasileira vem buscando um status próprio, porém sempre apoiado sobre um suporte teórico, mais do que nunca europeu, na busca por uma independência; o que leva, ainda hoje, a uma negação de sua base epistemológica, a Linguística, por parte de seus pesquisadores, mesmo acontecendo o contrário no resto do mundo, como apresenta a AILA em sua homepage ao considerar a Linguística como um dos suportes teóricos da LA.

O resultado é uma luta ideológica, apoiada por uma política institucional, pois, mesmo negando, os linguistas aplicados brasileiros reconhecem em seus artigos as contribuições da Linguística para a constituição da LA, de forma direta ou indireta, possibilitando a evolução da pesquisa.

4. LA e a busca por uma identidade própria

A necessidade de independência epistemológica da LA em oposição à Linguística, por uma vontade de verdade, reflete a busca por uma autonomia da área em defender seu espaço, demarcar seu território, estabelecer uma teoria e não uma mera aplicação teórica. Entretanto, nesta busca legítima pode-se considerar um certo apagamento de sua única base epistemológica estável, a Linguística (COSTA e GERALDI, 2007).

Essa vontade de verdade implica em uma vontade de saber, na formação de uma empiria, como consequência de uma descoberta, como se sua própria

história estivesse apoiada apenas sobre um suporte institucional, excluindo sua origem em favor de uma identidade própria.

Este discurso da “negação da Linguística pela LA”, denominado por Costa e Geraldini (2007) como *o paradoxo aplicado*, remete a um discurso tecido ao longo do século XX, que teve sua fundamentação primeira no próprio seio da Linguística, deslocando-se em meio a uma série de mutações, em meio à aparição de novas formações discursivas.

O discurso disciplinar “aplicado”, por sua vez, teve como ponto de partida o ensino de línguas. Segundo Celani (1992), foram as contribuições de Pit Corder, Halliday, McIntosh e Stevens, Widdowson, dentre outros, em meio à década de 1970, para o ensino de línguas, que despertaram esta necessidade, esta vontade de autodefinição da LA em relação à “ciência pura”. Celani (1992, p. 18), ao afirmar que “a LA seria um mediador entre descrições teóricas e atividades práticas diversas”, apresenta como referência os quatro volumes de *Edinburgh Series*, que contribuíram para a iniciação de muitos linguistas aplicados, os quais marcaram época e serviram de guia para muitos cursos de pós-graduação.

Na década de 1980, a Linguística Aplicada passa a ampliar seu campo de ação em busca de sua emancipação epistemológica, em relação à Linguística. Os efeitos dessas mudanças quanto à metodologia de pesquisa e ao objeto de estudo fizeram com que o linguista aplicado recorresse a outros campos científicos, ultrapassando fronteiras em busca de respostas para os problemas sociais que envolvessem a linguagem. Consequentemente, essas mudanças refletiram intensamente no papel desenvolvido pelo linguista aplicado, exigindo-lhe um poder de afirmação e auto-afirmação perante as demais áreas do conhecimento, de forma independente, e refutando até mesmo sua origem em favor de sua independência.

Este processo, por sua vez, foi, e ainda é, objeto de debate da área, que se configurou primeiramente, na Europa, no final da década de 1970, através dos congressos da AILA, das publicações, dos recursos para pesquisa, dos programas de pós-graduação em LA que se formaram em vários países.

No Brasil esta discussão ainda persiste, segundo Kleiman (1998, p. 51), pela “configuração da prática de pesquisa na Linguística Aplicada no país e o teor das questões discutidas na comunidade estrangeira, que há alguns anos vem debatendo a história e a epistemologia da prática de pesquisa em LA”. De acordo com a autora, a negação da Linguística pela LA ainda configura um problema, nos dias atuais. No entanto, esse “problema” não pertence apenas à LA, pois a história da Linguística no Brasil também passou por caminhos

tortuosos em relação à filologia e, como a própria história aponta, os primeiros linguistas foram antes de tudo filólogos por formação.

Esta constatação só vem a reafirmar que o enunciado “linguística aplicada não é linguística” não é criado aleatoriamente, ele obedece a uma ordem discursiva que é tecida em determinado contexto, em determinada época. Valoriza e institui uma verdade “científica” no lugar de outra, através dos campos institucionais, das demandas, das pesquisas, da vontade de saber.

As concepções epistemológicas relativas ao termo *Linguística Aplicada* levaram a várias interpretações em sua primeira fase. Entretanto, mesmo diante desses obstáculos, Celani (1992) afirma que as publicações, as reuniões internacionais da AILA, foram as grandes responsáveis pela busca da LA por sua legitimação no meio acadêmico, o que resultou, e ainda resulta, em concepções diferenciadas quanto ao papel da LA.

A criação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil, em 1990, de acordo com Celani (1992, p. 21) foi um “indicativo de maturidade dos profissionais da área”, reafirmando que “embora a linguagem esteja no centro da LA, esta não é necessariamente dominada pela Linguística” (CELANI, 1992, p. 21). E que “em uma representação gráfica da relação da LA com outras disciplinas com as quais se relaciona, a LA não apareceria na ponta de uma seta partindo da Linguística” (CELANI, 1992, p. 21). Para a autora, a LA estaria no centro, e dela partiriam setas bidirecionais para disciplinas relacionadas com a linguagem, e entre elas estaria a Linguística, em “pé de igualdade”.

Na visão da autora, um sinal de independência da LA no Brasil seriam as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em LA, que emergiram na década 1970, e os assuntos abordados nas dissertações e teses produzidas, fortalecendo-a cada vez mais, deixando de ser mera “aplicação da Linguística”.

Considerações finais

O presente artigo buscou descrever, em uma perspectiva historiográfica, o percurso argumentativo de defesa da área Linguística Aplicada, por meio dos discursos historiográficos de alguns autores que participaram ativamente do processo de constituição e institucionalização da mesma. No entanto, vale ressaltar que a construção discursiva da LA, no Brasil é atravessada por uma heterogeneidade de ações e dizeres na busca pelo conhecimento, pela autonomia.

Segundo Pennycook (1998, p. 35-36), “a noção de um sujeito uno, racional, cartesiano, capaz de conhecer a si mesmo e a outros objetos, também se tornou altamente questionável”, o que suscitou sérios questionamentos

quanto aos modos de fazer pesquisa e, conseqüentemente, ao rompimento com cadeias conceituais cristalizadas, promovendo um repensar contínuo por parte do pesquisador.

Esse fator torna possível a emergência de certos paradigmas quanto ao uso da linguagem, formando-se novos conceitos através do tempo por meio de sistematizações, pelo estabelecimento de relações com outros campos disciplinares, promovendo a atividade científica.

Assim, partindo princípio de que a emergência da Linguística Aplicada está vinculada à Linguística e que o desejo de negação, presente no discurso argumentativo de defesa da área, remete à criação de novos regimes de verdade, considerando-se os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos, é possível compreender suas diferentes fases, assegurando assim a edificação de uma área por meio dos movimentos de renovação.

Desse modo, o estudo sobre as mudanças linguísticas adquiriu novos olhares e, conseqüentemente, novas abordagens. Uma vez que, o princípio de que a história é linear e ordenada já não correspondia a uma única visão de mundo.

O fato é que novos modos de produzir conhecimento são reinventados, exigindo novas práticas discursivas, considerando o sujeito em sua heterogeneidade, e que está em constante processo de transformação social (FABRÍCIO, 2006), buscando soluções para os problemas que envolvam a linguagem e a vida social.

Considerada por muitos autores como uma ciência jovem, a LA nesses quase sessenta anos de existência tem contribuído com afinco para o desenvolvimento da pesquisa, transgredindo fronteiras, renovando conceitos, reinventando discursos científicos, antes cristalizados, por meio da linguagem como prática social, produzindo frutos nas diversas vertentes que compõem o universo da LA em todo o mundo. Tal fato pode ser evidenciado pelos congressos internacionais e nacionais, seminários, programas de pós-graduação, além de publicações especializadas.

Esse processo evolutivo foi possível devido à reflexão sobre a língua e a linguagem, em um primeiro momento, por meio do ensino de línguas e, conseqüentemente, pela demanda social, como processo e produto da atividade histórica do homem no mundo.

Referências

- ALTMAN, C. Memórias da linguística na linguística brasileira. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996, p.173-187.
- _____. A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988). 2ª ed. – São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- _____. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista argentina de historiografia linguística*, n. 1, v. 2, 2009, p. 115-136.
- BENVENISTE, É. Problemas de Linguística geral I. (trad.) NOVAK, M. G.; NERI, M. L. Campinas - SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. Problemas de Linguística geral II. (trad.) GUIMARÃES, E. et al.; Campinas - SP: Pontes Editores, 2005.
- CAVALCANTI, M. A propósito de Linguística Aplicada. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas-SP, v. 7, n.2, 1986, p. 5-12.
- CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 129-142.
- _____. A relevância da Linguística Aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M. e TOMITCH, L. M. B. (Orgs.). *Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008, p. 17-32.
- _____. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Revista Linguagem & Ensino*, vol. 8, n. 1, 2005, p. 101-122.
- _____. AILA 1996 e um estado da arte em microcosmo da Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 197-212.
- _____. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 129-142.
- CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z. e CELANI, M. A. A. (Orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992, p. 15-23.
- _____. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I. &
- COSTA, A. F. Arqueologia da formação do professor: a nova ordem de discurso da educação nacional. Tese de doutorado, UNICAMP, 2007.

- COSTA, A. & GERALDI, J. W. O paradoxo aplicado. *Revista Signótica*: UFG, 2007, p. 157-175.
- D'ANGELIS, W. R. Aryon das Línguas Rodrigues. *Estudos de Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 4, nº 2, dez. 2006, p. 13-19.
- FABRÍCIO, B. P. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-66.
- GOMES DE MATOS, F. Dez anos de Linguística Aplicada no Brasil (1965/1975). *Revista de Cultura Vozes*. Ano 70 v. LXX n. 1, 1976, p. 49-57.
- _____. *Linguística Aplicada ao ensino de inglês*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.
- _____. O dicionário de Linguística e Gramática: notas de um leitor-posfaciador. D.E.L.T.A [online]. v. 20, 2004, p. 159-164.
- _____. Influência da Linguística em materiais didáticos para Ensino de Português como língua estrangeira: uma perspectiva brasileira *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* - v. 2, 2007, p. 47-59.
- KLEIMAN, A. B. O ensino de línguas no Brasil. In: PASCHOAL, M. S. Z. e CELANI, M. A. A. (Orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992, p. 25-36.
- _____. O Estatuto Disciplinar da Linguística Aplicada: O traçado de um percurso. Um rumo para o debate. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 51-77.
- _____. A formação do professor: retrospectivas e perspectivas na pesquisa. In: _____. (org.). Campinas-SP: Mercado das Letras, 2001, p. 13-38.
- KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996, p.45-70.
- MATTOSO CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 22ª ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p. 254.
- MILANI, S. e. Bases epistemológicas para a Historiografia Linguística: objeto e metodologia. In: GELCO. Cuiabá - MT, 2008, no prelo.
- MOITA LOPES. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 113-128.
- _____. Fotografias da Linguística Aplicada no campo de línguas estrangeiras no Brasil. *DELTA* [online]. 1999, vol.15, n.spe, p. 419-435. ISSN 0102-4450.

- _____. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- _____. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, 13- 44.
- _____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-108.
- _____. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. MOSCHETTI, M. Crises e revoluções: a revolução copernicana segundo Thomas Kuhn. *Revista Analecta*. v. 5 n. 1 jan./jun. 2004, p. 45-54.
- PAIVA, V. M.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada In: PEREIRA, R. C. M e ROCA, M. P. (org.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.
- PASCHOAL, M. S. Z. e CELANI, M. A. A. Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.
- PENNYCOOK, A. A linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- _____. *Critical Applied Linguistics*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001.
- _____. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. . In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-66.
- RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 77-80.
- RODRIGUES, A. D. Tarefas da Linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos* (revista brasileira de Linguística Teórica e Aplicada), v. 1, n. 1, 1966, p. 4-15.
- SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- _____. A questão da lingual legítima na sociedade democrática: um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 169-190.